

CARTA ABERTA AO DIRETOR GERAL DA UNESCO

Na qualidade não só de viúva de PAULO FREIRE, mas, sobretudo como na de conhecedora de sua obra e pensamento, colaboradora em vários de seus livros; organizadora dos seus textos inéditos publicados após sua morte como sucessora legal de sua obra, por ele mesmo nomeada, assim como organizadora de um outro livro sobre o seu pensamento; especialista da história da educação brasileira tendo defendido Dissertação de Mestrado, na PUC/SP, sob sua orientação cujo trabalho foi escolhido pelo INEP/MEC para publicação no Ano Internacional da Alfabetização (Analfabetismo no Brasil, Ed.Cortez), e, posteriormente tendo escrito e defendido Tese de Doutorado sobre o mesmo tema, me considero no dever e no direito de dizer alguma coisa sobre a recente nomeação da Mrs. Bush, pelo Diretor Geral da UNESCO, como Embaixadora da Década da Alfabetização.

Dever e direito meus até porque na carta que recebi com esta notícia havia uma pergunta que muitos educadores e educadoras estão se fazendo: “O que diria Paulo Freire sobre esta nomeação? O que dizemos nós educadores e educadoras?”

Vou tentar dizer o que Paulo provavelmente diria, dizendo com minhas palavras o que eu sinto e penso:

"A Sra. Bush é digna de todo o meu respeito e apreço como pessoa séria, esposa companheira e lutadora pelas causas de seu país. Mas, para ocupar cargo tão significativamente político-ético-pedagógico, o de Embaixadora para a Década da Alfabetização, quando está em jogo a situação de milhares de homens, mulheres e crianças do mundo, não por acaso sobretudo os e as do hemisfério Sul, que sofrem as negatividades nefastas de todas as espécies de misérias, quase todas ditadas pela opressão colonialista, que, sabemos, sentimos e vemos os que vivem nesses territórios, e, que trabalhamos arduamente para a sua verdadeira superação, deveria o Sr. Matsuura ter levado em consideração outras qualidades que não só estas que tem a Sra. Bush.

Deveria também o Diretor Geral da Unesco levar em conta que seria de mais valia (não quero dizer pragmático) ocupar este cargo uma pessoa que, tivesse nome respeitado no meio educativo, de ideologia progressista, conhecedora dos verdadeiros problemas que geraram e vêm reproduzindo este terrível índice de analfabetismo mundial, de espírito de solidariedade para com os diferentes de qualquer natureza (religiosa, racial, ideológica), que entenda que a eliminação do analfabetismo no mundo depende mais da generosidade ética e política e do conhecimento das teorias pedagógicas do que da força do poder, e, entre outras virtudes, que faça a opção verdadeira de cumplicidade pelo fraco, com o fraco; pelo rejeitado, com o rejeitado; pelo abandonado e excluído, com o abandonado e excluído de quase todos os bens culturais e materiais que produzimos coletivamente".

Ana Maria Araújo Freire. Doutora em Educação pela PUC/SP. nitafreire@uol.com.br

Sao Paulo, 18 Dezembro 2003